



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegráfico: *Talaba* — Lisboa — Telefone: 5339

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## A baixa de salários

Tem-se falado ultimamente com grande insistência na descida do custo da vida. Tem-se falado apenas. O custo da vida, de facto, ainda não baixou. Se alguma diferença imperceptível existe em alguns géneros, outros há que sobem, que continuam a subir. As hortaliças, por exemplo, têm alcançado nestes últimos dias preços irrisoriamente altos. Os géneros de mercearia mantêm-se, e se algum desceu um tostão ou dois, perde-se esse benefício nos gastos gerais que um lar comporta. Falemos com uma dona de casa e ela nos dirá que ao fim da semana encontra o mesmo *deficit* de sempre, apesar de grande número de estabelecimentos ostentarem nas montras, a grandes letras garrafais, anúncios de redução extraordinária em todos os preços.

As casas de pasto, os restaurantes mantêm os seus preços aterrorizantes. Casas há que sem ter feito a menor redução nos preços dos artigos, anunciam 50 0/0 mais barato e o povo deixa-se ir no engodo comprando por preços que nunca foram reduzidos.

A baixa do custo da vida é ainda uma deliciosa mentira e já vai produzindo alguns nefastos resultados.

Se a alta do custo da vida produziu miséria e desgostos, agitação e luta, porque ela transitoriamente por completo a vida normal dos povos, a alta de preços há de originar, já está originando, dissabores e novas lutas. A alta trouxe como consequência a greve de desesperada por aumento de salários; a baixa trará a greve para manter um salário equitativo. O mal económico é essencialmente o mesmo: a disparidade entre o que o patronato recebe e o que o operário, em trabalho, e o que lhe quer dar em dinheiro. O capitalismo vive da diferença entre o valor real do trabalho e a importância que entrega ao trabalhador, e que é ao mesmo tempo o consumidor.

O aumento de produção, um regime imperfeito de troca como este em que vivemos, causa a desvalorização do produto, embarratando-o, e a desvalorização da mão de obra, dando origem a crises de trabalho.

Portanto se a falta de produção espalha a fome entre os trabalhadores e consumidores, a abundância, produzindo as crises de trabalho, porque o operário não tendo trabalho não ganha e quando ganha não consegue o suficiente para satisfazer as suas mais instantes necessidades, origina da mesma forma miséria e desgraça.

Quer haja alta quer haja baixa, o trabalhador sofre sempre, a sua condição é sempre miserável, porque o mal não reside no custo da vida mas sim na organização da produção e do consumo, que obedece ao regime imoral da propriedade privada.

Mal feridos ainda dos males originados pela falta de produção e alta de preços vamos-nos ver a braços com a abundância de produção e por consequência, com a diminuição de salários e falta de trabalho que já nos vai batendo à porta.

Portanto, se nunca nos regosijamos com a subida dos preços também não podemos iludir-nos com a descida. Devemos estar alertas, prontos a defender os salários actuais, impedindo por todas as formas que eles sejam reduzidos.

## C. G. T.

### Conselho Confederal

Para se ocupar dos assuntos pendentes da sessão anterior, reúne hoje, pelas 21 horas, o Conselho Confederal.

### A questão da Alta Silésia

Em Beuthen foi proclamado o estado de sítio.

BERLIM, 7. — Agrava-se a situação de Beuthen, onde foi proclamado um rigoroso estado de sítio, e onde os franceses se apoderaram de novos reifens.

As comunicações com a cidade estão extraordinariamente dificultadas, porque vários comboios são assaltados e saqueados pelos insurrectos polacos. — *Rádio.*

### Em Espanha

Suspende-se os pagamentos numa mina.

OVIEDO, 7. — Por dificuldades económicas, foram suspensos os pagamentos na mina Santa. — *Rádio.*

Grande incêndio numa herdade.

GRANADA, 7. — Um grande incêndio destruiu uma herdade, causando enormes desgraças. — *Rádio.*

Prisão dum anarquista e de sua companheira.

BARCELONA, 7. — Foi preso o anarquista Vandellos que dirige um grupo de sindicalistas que fabricavam bombas. A companheira de Vandellos foi também presa, tendo sido encontradas em casa dela várias bombas. — *Rádio.*

### Na capital do Perú

LONDRES, 7. — Um incêndio, que se supõe ter sido causado por uma bomba, destruiu uma aula do palácio do governo em Lima, tendo-se perdido muitos e importantes documentos. — *Rádio.*

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### País de farça

Só num país de caricatura, onde os homens são bonecos articulados e as instituições espantosas de cariz: só numa república de farça, onde as grandes resoluções morrem nos bastidores de paninho e os movimentos são cenário ilusório; só num país de *blague*, onde os camões não se cultivam e as cidades são arremédos risíveis de civilização, o povo, que é manso e vamente ruidoso como o povo das peças históricas, admite que Lisboa não tenha água para apagar incêndios, nem mesmo uma gota para coser o bacalhau.

### A's urnas, povo de Coimbra!

Chegou ontem à nossa redacção *O Jornal* de Coimbra. Espirita eleições por todos os lados; chama o povo às urnas em berros alucinados, que nos fizeram sorrir. Nós gostamos muito do ver os gestos desorientados da propaganda eleitoral. É um divertimento impagável. *O Jornal* deu-nos ontem momentos de inelutável prazer. *O Jornal* quer que o povo vote no *liberal* e o povo é capaz de votar, embora o mesmo *Jornal* *O Jornal* lhe diga que a vida está a baixar e que os salários miseráveis, que mal chegam para engordar o estômago à família, devem ser reduzidos. A's urnas pela baixa de salários! Votai! pela vossa miséria, ó bom povo de Coimbra!

### Um bom conselho

Sobre a nossa banca de trabalho caiu, de chofre, um documento útil e curioso. Nesse documento, assinado por Ângelo da Silva, se lê um apelo aos operários da Construção Civil para não erguer novamente a Igreja de S. Mamede.

Aqui fica o apelo, que pertilhamos, apesar da dificuldade em o seguir. «Erguer uma igreja quando há seres humanos que dormem na via pública é inconsciente e impensável do referido apelo. Eis uma verdade para a qual chamamos a atenção do proletariado».

### A nossa correspondência

Ex.ª Senhora D. Maria de Carvalho. Lemos ontem no *Diário de Lisboa* o artigo que V. Ex.ª publicou. Não temos o prazer de conhecer V. Ex.ª pessoalmente, o que representa para nós — creia — um desgosto profundo. É sempre delicioso conhecer uma mulher de alma encantadora como a sua. A singularidade que seduz, o amor pelas coisas simples que nos sensibiliza, a nós, operários; a evocação das velas brancas dos molhos que, no alto da serra, cantam as melódicas embalagens do vento ensaiado; todas estas coisas que nos fazem sentir, como a sua pena de artista nos faz entender, como um sonho belo, como um ideal sublime de paz e trabalho a realizar, tudo isso tem eco no nosso coração de revolucionários. E é a razão — porque o materialismo no baixo da sociedade capitalista se ergue ante os nossos ideais de simplicidade e de amor, que nós, somos revolucionários, que desejamos lançar por terra as actuais instituições, baseadas no roubo legal e na ignorância onde nos forçam a permanecer, para ressaltar a vida, essa vida pura de ingenuidade e de singularidade que V. Ex.ª apresenta na alma dos povos. V. Ex.ª, porém, condena o operário sem o conhecer, chamou-lhe despoja, vendendo os seus olhos — certamente formosos e meigos — a verdade incontestável. Mas estamos certos de que V. Ex.ª sensibilizará os ler estas linhas — se porventura os seus trabalhos literários e os seus gestos de beleza lhe concederem algum momento — para nos ler — e verá, então, que os jornais revolucionários que têm a vida humana economicamente livre, para que os artistas, os operários e os poetas possam embalar a vida, com a sua sinceridade e talento.

Creia-nos, senhora, admiradores da sua prosa singela e permeada com o sal da vida, os belos e respeitosamente as suas mãos delicadas. — *Redacção de A Batalha.*

**Os intelectuais**  
Transcrevemos de *El Sol*:  
Pondo de parte a necessidade vital que constitui, para a Inglaterra, o barateamento da sua indústria, e considerando o aspecto universal da questão, era indubitável que as reivindicações operárias, tão justas em seu princípio, iam perdendo o seu cunho de equidade. Não com direito à vida e ao pão cotidiano vão prevalecendo as actividades físicas e restringindo-se mais, em cada dia, o reino do espírito. O trabalho de mãos aparece já como mais importante que o da obra de inteligência, e o artefacto vai sobrepujando ao artista.

E se assim acontece, não é por culpa dos operários, que fazem o seu dever de homens, valorizando o seu trabalho. Ainda há pouco houve uma greve de intelectuais — a dos jornalistas — que não mereceu a solidariedade dos outros intelectuais. Estes não tem sabido pugnar pelos seus direitos, dando assim o espectáculo desolador da sua decadência moral.

**Desapontamento**  
O povo de Lisboa esperava ansioso pela aparição da *Imprensa da Manhã*. Diz-se, à boca pequena, que este jornal matutino pertencia ao sr. Liberato Pinto, há pouco moralmente liquidado em público, e ao sr. Alfredo Silva, que tem por uso e costume insistentemente explorar o consumidor e o honrado e nobre povo de Portugal que lhe caiu nas afiladas garras de argüição. Esperava-se, pois, que Alfredo da Silva e Liberato Pinto figurassem na cabeça do jornal, respectivamente, como editor e director, ou vice-versa. Ontem, porém, houve um desapontamento geral. A folha é feita para o honrado e nobre povo de Portugal e destinada a defender os sagrados interesses da pátria. Quanto aos nomes Alfredo da Silva e Liberato Pinto, transformaram-se para a maioria dos leitores — em E. Fernandes (Escalpo) e A. Mimoso Ruiz. Fiquem, pois, o público desenganado, que está entregue em boas mãos...

**Desapontamento**  
O povo de Lisboa esperava ansioso pela aparição da *Imprensa da Manhã*. Diz-se, à boca pequena, que este jornal matutino pertencia ao sr. Liberato Pinto, há pouco moralmente liquidado em público, e ao sr. Alfredo Silva, que tem por uso e costume insistentemente explorar o consumidor e o honrado e nobre povo de Portugal que lhe caiu nas afiladas garras de argüição. Esperava-se, pois, que Alfredo da Silva e Liberato Pinto figurassem na cabeça do jornal, respectivamente, como editor e director, ou vice-versa. Ontem, porém, houve um desapontamento geral. A folha é feita para o honrado e nobre povo de Portugal e destinada a defender os sagrados interesses da pátria. Quanto aos nomes Alfredo da Silva e Liberato Pinto, transformaram-se para a maioria dos leitores — em E. Fernandes (Escalpo) e A. Mimoso Ruiz. Fiquem, pois, o público desenganado, que está entregue em boas mãos...

**Desapontamento**  
O povo de Lisboa esperava ansioso pela aparição da *Imprensa da Manhã*. Diz-se, à boca pequena, que este jornal matutino pertencia ao sr. Liberato Pinto, há pouco moralmente liquidado em público, e ao sr. Alfredo Silva, que tem por uso e costume insistentemente explorar o consumidor e o honrado e nobre povo de Portugal que lhe caiu nas afiladas garras de argüição. Esperava-se, pois, que Alfredo da Silva e Liberato Pinto figurassem na cabeça do jornal, respectivamente, como editor e director, ou vice-versa. Ontem, porém, houve um desapontamento geral. A folha é feita para o honrado e nobre povo de Portugal e destinada a defender os sagrados interesses da pátria. Quanto aos nomes Alfredo da Silva e Liberato Pinto, transformaram-se para a maioria dos leitores — em E. Fernandes (Escalpo) e A. Mimoso Ruiz. Fiquem, pois, o público desenganado, que está entregue em boas mãos...

**Desapontamento**  
O povo de Lisboa esperava ansioso pela aparição da *Imprensa da Manhã*. Diz-se, à boca pequena, que este jornal matutino pertencia ao sr. Liberato Pinto, há pouco moralmente liquidado em público, e ao sr. Alfredo Silva, que tem por uso e costume insistentemente explorar o consumidor e o honrado e nobre povo de Portugal que lhe caiu nas afiladas garras de argüição. Esperava-se, pois, que Alfredo da Silva e Liberato Pinto figurassem na cabeça do jornal, respectivamente, como editor e director, ou vice-versa. Ontem, porém, houve um desapontamento geral. A folha é feita para o honrado e nobre povo de Portugal e destinada a defender os sagrados interesses da pátria. Quanto aos nomes Alfredo da Silva e Liberato Pinto, transformaram-se para a maioria dos leitores — em E. Fernandes (Escalpo) e A. Mimoso Ruiz. Fiquem, pois, o público desenganado, que está entregue em boas mãos...

**Desapontamento**  
O povo de Lisboa esperava ansioso pela aparição da *Imprensa da Manhã*. Diz-se, à boca pequena, que este jornal matutino pertencia ao sr. Liberato Pinto, há pouco moralmente liquidado em público, e ao sr. Alfredo Silva, que tem por uso e costume insistentemente explorar o consumidor e o honrado e nobre povo de Portugal que lhe caiu nas afiladas garras de argüição. Esperava-se, pois, que Alfredo da Silva e Liberato Pinto figurassem na cabeça do jornal, respectivamente, como editor e director, ou vice-versa. Ontem, porém, houve um desapontamento geral. A folha é feita para o honrado e nobre povo de Portugal e destinada a defender os sagrados interesses da pátria. Quanto aos nomes Alfredo da Silva e Liberato Pinto, transformaram-se para a maioria dos leitores — em E. Fernandes (Escalpo) e A. Mimoso Ruiz. Fiquem, pois, o público desenganado, que está entregue em boas mãos...

**Desapontamento**  
O povo de Lisboa esperava ansioso pela aparição da *Imprensa da Manhã*. Diz-se, à boca pequena, que este jornal matutino pertencia ao sr. Liberato Pinto, há pouco moralmente liquidado em público, e ao sr. Alfredo Silva, que tem por uso e costume insistentemente explorar o consumidor e o honrado e nobre povo de Portugal que lhe caiu nas afiladas garras de argüição. Esperava-se, pois, que Alfredo da Silva e Liberato Pinto figurassem na cabeça do jornal, respectivamente, como editor e director, ou vice-versa. Ontem, porém, houve um desapontamento geral. A folha é feita para o honrado e nobre povo de Portugal e destinada a defender os sagrados interesses da pátria. Quanto aos nomes Alfredo da Silva e Liberato Pinto, transformaram-se para a maioria dos leitores — em E. Fernandes (Escalpo) e A. Mimoso Ruiz. Fiquem, pois, o público desenganado, que está entregue em boas mãos...

**Desapontamento**  
O povo de Lisboa esperava ansioso pela aparição da *Imprensa da Manhã*. Diz-se, à boca pequena, que este jornal matutino pertencia ao sr. Liberato Pinto, há pouco moralmente liquidado em público, e ao sr. Alfredo Silva, que tem por uso e costume insistentemente explorar o consumidor e o honrado e nobre povo de Portugal que lhe caiu nas afiladas garras de argüição. Esperava-se, pois, que Alfredo da Silva e Liberato Pinto figurassem na cabeça do jornal, respectivamente, como editor e director, ou vice-versa. Ontem, porém, houve um desapontamento geral. A folha é feita para o honrado e nobre povo de Portugal e destinada a defender os sagrados interesses da pátria. Quanto aos nomes Alfredo da Silva e Liberato Pinto, transformaram-se para a maioria dos leitores — em E. Fernandes (Escalpo) e A. Mimoso Ruiz. Fiquem, pois, o público desenganado, que está entregue em boas mãos...

**Desapontamento**  
O povo de Lisboa esperava ansioso pela aparição da *Imprensa da Manhã*. Diz-se, à boca pequena, que este jornal matutino pertencia ao sr. Liberato Pinto, há pouco moralmente liquidado em público, e ao sr. Alfredo Silva, que tem por uso e costume insistentemente explorar o consumidor e o honrado e nobre povo de Portugal que lhe caiu nas afiladas garras de argüição. Esperava-se, pois, que Alfredo da Silva e Liberato Pinto figurassem na cabeça do jornal, respectivamente, como editor e director, ou vice-versa. Ontem, porém, houve um desapontamento geral. A folha é feita para o honrado e nobre povo de Portugal e destinada a defender os sagrados interesses da pátria. Quanto aos nomes Alfredo da Silva e Liberato Pinto, transformaram-se para a maioria dos leitores — em E. Fernandes (Escalpo) e A. Mimoso Ruiz. Fiquem, pois, o público desenganado, que está entregue em boas mãos...

**Desapontamento**  
O povo de Lisboa esperava ansioso pela aparição da *Imprensa da Manhã*. Diz-se, à boca pequena, que este jornal matutino pertencia ao sr. Liberato Pinto, há pouco moralmente liquidado em público, e ao sr. Alfredo Silva, que tem por uso e costume insistentemente explorar o consumidor e o honrado e nobre povo de Portugal que lhe caiu nas afiladas garras de argüição. Esperava-se, pois, que Alfredo da Silva e Liberato Pinto figurassem na cabeça do jornal, respectivamente, como editor e director, ou vice-versa. Ontem, porém, houve um desapontamento geral. A folha é feita para o honrado e nobre povo de Portugal e destinada a defender os sagrados interesses da pátria. Quanto aos nomes Alfredo da Silva e Liberato Pinto, transformaram-se para a maioria dos leitores — em E. Fernandes (Escalpo) e A. Mimoso Ruiz. Fiquem, pois, o público desenganado, que está entregue em boas mãos...

**Desapontamento**  
O povo de Lisboa esperava ansioso pela aparição da *Imprensa da Manhã*. Diz-se, à boca pequena, que este jornal matutino pertencia ao sr. Liberato Pinto, há pouco moralmente liquidado em público, e ao sr. Alfredo Silva, que tem por uso e costume insistentemente explorar o consumidor e o honrado e nobre povo de Portugal que lhe caiu nas afiladas garras de argüição. Esperava-se, pois, que Alfredo da Silva e Liberato Pinto figurassem na cabeça do jornal, respectivamente, como editor e director, ou vice-versa. Ontem, porém, houve um desapontamento geral. A folha é feita para o honrado e nobre povo de Portugal e destinada a defender os sagrados interesses da pátria. Quanto aos nomes Alfredo da Silva e Liberato Pinto, transformaram-se para a maioria dos leitores — em E. Fernandes (Escalpo) e A. Mimoso Ruiz. Fiquem, pois, o público desenganado, que está entregue em boas mãos...

**Desapontamento**  
O povo de Lisboa esperava ansioso pela aparição da *Imprensa da Manhã*. Diz-se, à boca pequena, que este jornal matutino pertencia ao sr. Liberato Pinto, há pouco moralmente liquidado em público, e ao sr. Alfredo Silva, que tem por uso e costume insistentemente explorar o consumidor e o honrado e nobre povo de Portugal que lhe caiu nas afiladas garras de argüição. Esperava-se, pois, que Alfredo da Silva e Liberato Pinto figurassem na cabeça do jornal, respectivamente, como editor e director, ou vice-versa. Ontem, porém, houve um desapontamento geral. A folha é feita para o honrado e nobre povo de Portugal e destinada a defender os sagrados interesses da pátria. Quanto aos nomes Alfredo da Silva e Liberato Pinto, transformaram-se para a maioria dos leitores — em E. Fernandes (Escalpo) e A. Mimoso Ruiz. Fiquem, pois, o público desenganado, que está entregue em boas mãos...

## CLASSES GRÁFICAS

Mais de vinte industriais mandaram já chamar o seu pessoal, rompendo assim o «lock-out». — Importantes resoluções da reunião dos gráficos ontem realizada

Muito embora a Patronal diga que só dóze casas foram autorizadas a reabrir as suas portas, o certo é que mais de vinte industriais mandaram chamar o seu pessoal, o que prova que a intervenção da famosa C. P. falhou, e assim, quasi todos os industriais, segundo as informações que temos, se preparam para não serem os últimos a abrirem as portas das oficinas. Como se vê, e graças à tenacidade das classes em luta, a quixotesca C. P. acaba de sofrer um tremendo cheque, do qual bom será que não são os operários como os próprios industriais aproveitem. Os operários, atraídos na sua maioria para a rua bem contra vontade, exigem neste momento, e com muita razão, que os indenizem dos prejuízos causados, olhando a que se não fosse a intempestiva intervenção da C. P., o conflito não teria assumido as proporções que atingiu.

Que os operários saibam, pois, manter-se como até aqui, — e tudo indica que assim farão, dadas as afirmações feitas, na reunião de ontem, — porque da sua atitude enérgica e tenaz depende o resultado do conflito com tanto sacrifício sustentado.

**A importante assembleia de ontem**  
Para apreciar as resoluções de vários industriais, reuniram ontem, mais uma vez, as classes em luta. Presidiu Alberto Constantino secretariado por Joaquim Paixão e António Carvalho.

Lister Franco, em nome da comissão de expediente, historiando o movimento de declarar o pretendido *lock-out* que a Patronal quizesse efectuar nunca surtiu o efeito desejado, como não surtiu deixar de ser, visto que muitos industriais, fingindo aderir, trabalhavam à porta fechada, enquanto outros abonavam várias importâncias ao seu pessoal, e outros, ainda, pagavam-lhe as férias por inteiro.

A intervenção da C. P. falhou — exclamou o orador — e os industriais procuram neste momento salvar-se da melhor maneira, mas as classes aqui reunidas resolverão sobre a melhor forma de aproveitar o ensejo, que é esplêndido.

Lida a nota do Comité, fez uso da palavra o camarada Medeiros, que diz deverem os operários retomarem o trabalho só depois de tratarem com os industriais e nunca por intermédio da C. P.

Delfim Silva, vibrando de entusiasmo, pôe em relevo a grandiosidade do momento. Os operários, atraídos à rua sem a menor consideração, não podem nem devem retomar o trabalho sem que lhes seja dada uma justa compensação. A nota da C. P., publicada na *Imprensa da Manhã*, procura apenas mascarar a derrota que a abstracta identidade acaba de sofrer, pois se o «lock-out» começa a escangalhar-se, é porque, evidentemente, se torna impossível mantê-lo por mais tempo. Retomar o trabalho nas mesmas condições é, além disso, uma prova de fraqueza, um verdadeiro crime cometido contra aqueles que tem sido tão prejudicados neste conflito. A assembleia vai resolver, e espera o orador, de forma a que, mais uma vez, os gráficos se possam orgulhar da sua conduta.

Gonçalves diz que as classes devem manter a linha até aqui seguida, não recedendo esse espantoso da Patronal, visto que a vitória é incontestável.

António Graça fez interessantes apreciações sobre um dos «mençurus» da C. P., que ganha 90 escudos para não trabalhar e tem sido o *alma damnada* de tudo isto. É de opinião que o único caminho a seguir é para a frente.

Medeiros, analisando o fiasco do «lock-out», termina por dizer que a acção do mesmo quando se fazia sentir sobre o próprio governador civil, que esteve prestes a ser «lock-outado»...

António Graça manda para a mesa uma moção com as seguintes conclusões:

1.ª Que a assembleia geral das classes em luta resolva:

1.ª Que o pessoal dessas 12 casas não retorne ao trabalho sem que os proprietários das mesmas comuniquem à comissão os seus desejos;

2.ª Que nenhum gráfico transponha a porta da oficina sem que, entre a comissão e o industrial, seja firmado um acordo;

3.ª Que para se entrar nas oficinas se tenha necessariamente em primeiro lugar, sejam pagos integralmente todos os quantos foram os de «lock-out» ou entrar imediatamente em negociações;

4.ª Que a assembleia concorde com os industriais, os operários não sejam obrigados a executar trabalhos que pertençam às oficinas ainda encerradas;

5.ª Que sejam considerados traidores às classes todos aqueles que não acatem as conclusões desta moção.

Posta à votação a moção, foi ela aprovada por unanimidade. Adriano de Oliveira manda para a mesa a seguinte proposta, que é aprovada por aclamação:

Proporção: 1.ª que seja nomeada uma comissão que, acompanhada de todos os camaradas que o queiram fazer, vá amanhã convidar os poucos camaradas que, isoladamente, retomaram o trabalho abandonando o movimento; 2.ª que os camaradas que estão a trabalhar isoladamente, por tolerância da classe e por não considerarem que isso concorreria para a desmoralização dos industriais, também sejam convidados a abandonar as oficinas.

Falam ainda Delfim Silva, António Graça, o camarada presidente e, por último, o camarada Gonçalves, sendo trocadas várias explicações, após o que é encerrada a sessão no meio do maior entusiasmo, sendo levantados calorosos vivas à C. G. T., à greve, à *Batalha* e à solidariedade gráfica.

Todos os camaradas a quem a proposta do camarada Oliveira directamente se refere, não devem faltar à reunião marcada, hoje, às 9 horas da manhã, na sede sindical.

**Nota oficiosa do Comité**  
Camaradas: Ao aproximar-se o termo das eleições, em que cada um dos operários interessados activamente se tem conduzido, este Comité não pode deixar de felicitar aqueles que tam belvas provas tem dado da sua inteira compreensão do momento que passa.

Os gráficos, que neste momento não defendem os seus interesses, devem como até aqui, manter o bom nome da organização a que pertencem, e não se deixar levar por interesses pessoais, nem por uma possível vitória da derrota da *Batalha*, por forma a não ficar vontade aos industriais de voltarem a confiar a defesa dos seus interesses a estranhos, e não só os industriais tipográficos, como os restantes.

Mais uma vez este Comité aconselha todos os camaradas a que não retrocedam o trabalho sem que seja de acordo com a comissão. O contrário seria uma verdadeira traição feita a todos os seus camaradas gráficos e das demais classes.

Firmeza, pois, que a vitória será atingida dentro de poucos dias. — *O Comité.*

**A TIRANIA SOBRE OS APRENDIZES**  
Ainda não se procedem...

Há onze dias o menor Artur Machado, o pobre aprendiz de serralheiro que apanhou um brutal pontapé do oficial António d'Oliveira, se encontra em tratamento na enfermaria de S. João Baptista, cama n.º 27, do Hospital de S. José, sem que até à data algum de direito se incomode a fazer o respectivo exame médico, para se poder avaliar da forma selvagem como o infeliz foi tratado pelo seu alzug, a fim de se premiar como merece o autor da proeza.

Se fosse algum dos nossos camaradas que passam a vida a propagar a emancipação dos trabalhadores e que tivesse o descuido de em qualquer reunião expressar quaisquer frases desagraveis à autoridade, já esta o tinha posto em qualquer imundo calabouço, incomunicável.

Assim, apesar do pai do menor ter feito queixa à polícia, parece que se pretende fazer esquecer o caso, e nem ainda seguir a mesma polícia se dignou saber do estado do menor que longe está de melhorar.

O delegado do Sindicato Unico Metalúrgico, ainda ontem, visitando o pobre aprendiz, verificou pelo boletim médico, que a febre não o deixa e que a temperatura tem variado entre 36,5 e 39,5, o que representa um estado pouco satisfatório.

O Sindicato não larga mão do assunto, tanto mais que é o desejo do pai do menor, e assim acompanha o processo que corre os seus tramites no Tribunal de Arbitros Avidores.

**Pró-instrução do proletariado**  
A Escola de Ensino Livre do Alto do Pina vai festejar o encerramento do ano lectivo

Há grande entusiasmo, entre o elemento operário deste populoso bairro, pelas festas que solenizarão o encerramento dos trabalhos escolares do presente ano lectivo, nesta Escola.

A comissão organizadora das festas não se poupa a esforços para que elas resultem brilhantes.

Publicaremos brevemente o seu programa completo.

## A burla do sufrágio e do parlamentarismo

Nas vésperas da «reprise» da velha farça eleitoral

### O descrédito do parlamento

De *El Liberal* de Madrid:

«A campanha de descrédito do parlamento estende-se. Não são as forças operárias, sem política, e perseguidas hoje desapidadamente, quem tratam disso. São os periódicos da direita, os políticos da direita, os elementos conservadores e o próprio rei. São os elementos que perante o violento despertar de uma parte considerável da opinião pública, teriam de cuidar com maior zelo do prestígio, da conservação e do desenvolvimento das instituições históricas do Estado.»

Na monarquia Espanha são os jornais da direita, os políticos da direita, os elementos conservadores e o próprio rei que desprestigiam e desacreditam o parlamento. Em Portugal república, são os da direita, os da esquerda e os do meio que empreendem essa campanha de descrédito. Senão vejamos:

**A abundância de candidatos**  
De *A Opinião*:

Como sucede com as doenças epidémicas, por todo o país se estão dando casos de candidaturas que se não esperavam e que aparecem de repente como as malícias, as beixas e as *cambiras*, no pitoresco dizer do nosso povo.

Só em Santo Tirso, vejamos os leitores a porção de candidatos: nada menos do que um liberal, um reconstituído, dois democráticos e um monárquico.

De *A Democracia*:

Em todos os círculos do país não há memória de tantos grupos e tantas pessoas concorrerem a urnas. Nunca, na política desta terra, apareceram tantos rótulos e tam grande quantidade de aspirantes a parlamentar. Há os candidatos dos partidos. Há os representantes de pequenos grupos, quasi sem significação eleitoral. Há mesmo cavalheiros que se abalançam a uma espécie de representação directa, não tendo a companhia dos ninguém. E toda esta formidável de candidatos se agita, intriga, pedincha, apelando para todos os expedientes, utilizando todas as artimanhas.

De *A Opinião*:

Segundo o computo dos centros políticos, as próximas eleições são disputadas por cerca de 2.500 candidatos, alguns concorrendo a mais dum círculo, na ânsia de não perderem — que ilusão! — os 250000 mendeis do subsídio parlamentar. O governo recebe diariamente inúmeras queixas de candidatos que se dizem perseguidos pelas autoridades na sua propaganda eleitoral; mas, na maioria dos casos, não passa isto dum estado de *patetico* de espírito alucinado e na perspectiva de verem em águas de balcão uma ambição ou um sonho doutrado.

**Quem são os regionalistas**

De *A Opinião*:

Aqui chamámos antes de outro jornal a atenção para o perigo que representa a caça ao voto feita pelos monárquicos com o disfarce de regionalistas. Os seus candidatos são tam regionalistas que alguns nem conhecem a região por onde se propõem.

Agora já outros jornais como a *Luta* e a *República* os atacam também e a sua argumentação é a mesma de que nós próprios nos servimos, o que bem mostra quanta razão nos assistia em não insurgirmos contra esse equívoco político que certos despeitados dos partidos e autênticos monárquicos pretendem criar.

De *A República*:

Não, não há dúvidas nem as pode haver, o regionalismo político — aquele que ora se debate nas eleições — outra coisa não é mais do que uma tentativa de entrada para o Parlamento aos que não estão filiados nos partidos da República e aos monárquicos impenitentes que não tem coragem moral de defender o seu regionalismo dentro das correntes de opinião republicanas, nem tem a hombridade de afirmar aos eleitores que desejam ir ao Parlamento como inimigos relapsos do regime.

**Polícia de Segurança do Estado**

Vai ser reorganizada para impedir o progresso do comunismo e perseguir as ideias extremistas em nome do sagrado princípio democrático da liberdade de pensamento

Noticiaram alguns jornais que a célebre polícia de segurança do Estado ia ser dissolvida. Segundo uma nota que pelo director da mesma polícia foi enviada aos jornais, essa notícia não passa de uma intriga dos inimigos das instituições. Os jornais que inseriram a notícia que lhe agradecemos.

Pela nossa parte, entendemos que os amigos das instituições que devem de sejar a dissolução da tal polícia, pois só aos seus inimigos é que a sua existência convém, para que as instituições se comprometam cada vez mais com os seus desmandos, as intenções e as desordens por essa polícia praticadas.



